

**Veja**

**23/11/1994**

VIDA BRASILEIRA

### **As viúvas do açúcar**

*Ao fim da safra de cana em Guariba, 10 000 homens vão embora, deixando para trás as mulheres com seus filhos por nascer*

PATRÍCIA ZAIDAN, de Guariba

As cortadoras de cana de Guariba são fortes: não choram, não balançam lenços nem se despedem. Mas, como não são de ferro, já estão sofrendo a solidão. Nos últimos dias, quase 10 000 homens abandonaram esta cidade do interior paulista, onde moram cerca de 30 000 habitantes fixos. Os bóias-frias penduraram o facão, juntaram o dinheiro poupado na safra da cana e voltaram para suas terras, a maioria no Vale do Jequitinhonha, uma região pobre do interior de Minas Gerais. Deixaram para trás 200 000 hectares de cana cortados, namoros interrompidos e filhos por nascer. Guariba, famosa pelas greves de trabalhadores rurais ali ocorridas na década de 80, é hoje uma cidade de mães solteiras.

Todo ano é assim. Em abril, as mulheres do maior pólo produtor de açúcar do mundo esperam na janela a chegada dos homens. Em Guariba, há muito trabalho durante seis meses, o período da safra da cana. Na outra metade do ano, os homens vão embora, em busca de oportunidades em outras cidades. Para trás ficam as mulheres, sozinhas com seus filhos para criar. Moradoras de uma das regiões mais prósperas do país, essas mulheres são a outra ponta de um fenômeno conhecido no Nordeste como "viúvas de paulistas" — sertanejas cujos maridos migram para São Paulo nas épocas de seca.

**HOMENS NÔMADES** — Os sertanejos do Vale do Jequitinhonha compõem uma curiosa corrente migratória. Eles perambulam pelo país atrás de trabalho durante o ano todo. Muitos vão para os garimpos da Amazônia nos meses de verão, em que chove pouco. Outros trabalham nas obras de construção civil das capitais do Sul e do Sudeste. E uma boa parte vai cortar cana no interior paulista. É com esses homens nômades, que chegam em abril e voltam para casa em novembro, que as mulheres de Guariba — também hábeis cortadoras de cana — se relacionam e têm filhos. Um atrás do outro, gerados em safras consecutivas. "As moças economizam, compram roupa nova, passam batom e perfume. Sai todo mundo na porta para ver os mineiros chegando", conta Elaine Cristina Pereira, 16 anos, ex-apanhadora de amendoim e mãe solteira de Wagner, 2 anos, e de Sheila, que morreu aos 8 dias de vida, em julho da última safra. "Sempre penso: quem sabe é desta vez que acerto um casamento?" Até agora, ela tentou três vezes. E não conseguiu.

Histórias iguais a essa contam-se aos milhares nos cortiços de João de Barro e Vila do Valter, os dois bairros de Guariba onde os migrantes se concentram na safra da cana. Rosa Alves Chaves, 20 anos, tem três filhos de três pais diferentes. Regina Fátima dos Santos Borges, 21 anos, tem quatro, frutos de três envolvimento amorosos. Sua vizinha, Sílvia Helena Aparecida Jorge, 24 anos, é mãe de um menino de 2 anos, gerado na safra de 1992, e espera mais um, da safra deste ano. "Vai nascer na véspera do Natal", anuncia. Os filhos sem pai não estão totalmente contabilizados. Nos últimos dois anos, 13% das mulheres que deram à luz no Hospital Regional da Associação dos Fomecedores de Cana, o único da cidade, eram solteiras. "Esse número não reflete a realidade", avisa a assistente social do hospital, Lúcia Helena Rodrigues. "Muitas pacientes, com vergonha de dizer que foram abandonadas, dão entrada no hospital dizendo que estão amasiadas." Como em qualquer outro lugar do Brasil,

Guariba também não tem meios de contar seus abortos. "Mas são números elevados", garante Lúcia.

**FIM DO DINHEIRO** — Neste ano, as usinas de Guariba moeram 12 milhões de toneladas de cana, que resultaram em 13 milhões de sacas de açúcar e 700 000 metros cúbicos de álcool. Para os cortadores de cana, fim de safra é fim de dinheiro. Quem produziu muito pôs no bolso em torno de 450 reais, referentes à última quinzena de trabalho e acertos de FGTS e férias proporcionais. Isso é tudo. Com um orçamento de 6 milhões de reais, o que a prefeitura tem para oferecer às grávidas abandonadas são 140 vagas em curso, em que aprendem a bordar e a costurar o enxoval e a cuidar do recém-nascido. Mas quem sai para a lavoura de madrugada e volta de noite não tem muito tempo para se sentar em banco de escola.

A vida das mulheres sozinhas de Guariba não se resume apenas a romances sem final feliz, mas a problemas sociais de difícil solução. Elaine de Menezes, de 16 anos, mirrada, sem dentes e desempregada, não alimenta a filha Jaqueline, de 4 anos, se não receber leite de graça no Centro de Saúde. Está no quinto mês de gravidez fecundada por Gilmar, um rapaz de Berilo, Minas Gerais, cujo sobrenome ela não sabe. A primeira gravidez, aos 12 anos, aconteceu um mês após a primeira menstruação. Depois disso, teve um segundo filho, Alan. Com medo de perdê-lo para a fome, deu o menino a uma tia. Jaqueline é a terceira.

O que dizem os homens? O mineiro José Soares de Matos, casado em Minas Novas, pai de quatro filhos, conta: "Fico seis meses aqui, numa vida de cão, sem comer direito, sem dormir decentemente, trabalhando igual condenado. Como posso viver sem dar meus pulinhos?" Os seus olhos verdes fazem muito sucesso entre as mulheres da cidade-dormitório. No ônibus que o levou em penosas 24 horas de viagem para o interior de Minas, José acomodou um televisor e caixas de presente. "São para a minha mulher, Maria das Dores", explica. Nas relações sexuais que manteve na safra 94/95 não se preocupou em evitar filhos. "A obrigação de se proteger é delas", acredita.

**SEM PÍLULA** — "É difícil conseguir pílula", reclama Roseli Alves da Silva, de 19 anos, mãe de Bráulio, de 1. "Eu marquei consulta no Centro de Saúde, esperei vinte dias, mas quando cheguei lá tive de dar a minha vez para uma gestante. A consulta foi adiada para o outro mês. Então, aconteceu sem pílula mesmo." De cada cinco queixas à polícia de Guariba, quatro estão ligadas à briga de casais ou à gravidez não assumida pelo parceiro. "Sou constantemente procurado por pais querendo que a polícia force um rapaz a se casar com a filha que perdeu a virgindade ou que ficou grávida", afirma o delegado titular Hélio Gomes Franco. Mas na delegacia não há detidos por crime de sedução. "Os envolvidos vêm para minha sala, ficam trocando acusações e vão embora antes do inquérito ser aberto", diz o delegado. O padre Antenor Della Vecchia, da Pastoral do Migrante, costuma fazer "o casamento dos fugidos", uma cerimônia que une sob as bênçãos de Deus casais que fugiram, tiveram filhos e retornaram à cidade. Num sábado recente, ele casou treze duplas de forasteiros.

Agora, a cidade começa a viver o marasmo da entressafra. Os ônibus que transitam pelas ruas empoeiradas da Vila do Valter no final da tarde, entregando em domicílio os últimos cortadores que retornam da lavoura, precisam buzinar quase de metro em metro para não atropelar as crianças que brincam no caminho. Elas formam aglomerados como formigueiros. Não há quintal ou janela sem fraldas estendidas para secar. "O jeito é esperar outra safra para ver se a vida melhora", suspira a cortadora de cana Vilma Pereira da Silva, de 19 anos, que terá de sustentar sozinha a filha Viviane, de 2 anos e meio, com salário de doméstica, em torno de 50 reais.

**(Páginas 60 e 61)**